

RÚSSIA E COREIA DO NORTE ENSAIAM UMA ALIANÇA

Por *M. K. Bhadrakumar*



O presidente russo Vladimir Putin e o líder norte-coreano Kim Jong-un participam de uma recepção de Estado em Pyongyang, Coreia do Norte, em 19 de junho de 2024 (Vladimir Smirnov/Sputnik).

O Tratado Rússia-Coreia do Norte pode ser considerado uma aliança de conveniência para retaliar as estratégias regionais dos EUA na Eurásia e no Nordeste Asiático.

A [breve visita](#) do presidente russo, Vladimir Putin, a Pyongyang, em 19 de junho, levantou muito calor e poeira. A assinatura de um Tratado de Parceria Estratégica Abrangente entre Putin e o líder norte-coreano Kim Jong-un monopolizou as manchetes da mídia ocidental e desencadeou uma série de especulações sobre o nascimento de uma aliança militar que pode minar o algoritmo da dinâmica do poder na região do Nordeste Asiático.

O aspecto sensacional do Tratado é que, alegadamente, prevê que os dois países se ajudem mutuamente no caso de um ataque de um terceiro país. Não há dúvida de que a geopolítica da região poderá mudar drasticamente de rumo se a Rússia e a Coreia do Norte (RPDC, República Popular Democrática da Coreia) levarem sua relação a um nível qualitativamente novo de aliança militar. Mas as aparências podem enganar, especialmente quando são exaltadas retoricamente por ambos os protagonistas.

Evitando as cortesias extraordinárias prestadas a Putin à chegada pelo país anfitrião, permanece o fato de que o Tratado não faz sentido, sem dúvida, uma vez que tanto a Rússia como a RPDC são potências nucleares. E se sua dissuasão

nuclear não os tornar autossuficientes na esfera da segurança, só Deus pode ajudá-los. Além disso, um ataque americano à RPDC parece improvável e um ataque dos EUA à Rússia é ainda menos provável.

Na realidade, a recente mudança política da administração Biden para permitir que a Ucrânia utilize armamento americano para atacar a Rússia – com o apoio e a orientação do pessoal da OTAN apoiado por dados de satélite e informações de inteligência ocidentais – parece ter sido a proverbial última gota que quebrou a reserva tradicional da Rússia. Sabe-se que o projeto de tratado está em discussão desde setembro de 2023.

Os americanos estão, previsivelmente, enlouquecidos pela Rússia dar xeque-mate nos EUA no Nordeste da Ásia, região de maior criticidade para a estratégia global dos EUA. No fim de semana passado, coincidindo com a chegada de Putin a Pyongyang, o conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, mostrou sua ira ao subir ainda mais a escada da escalada, anunciando através de uma entrevista [cuidadosamente estruturada para a PBS](#), financiada pelo governo dos EUA, que:

- Kiev tem liberdade para usar armas americanas em “qualquer lugar onde as forças russas atravessem a fronteira”;
- Especificamente, se aplicará também à região russa de Kursk, onde foram feitos “movimentos exploratórios” contra a região ucraniana de Sumy;
- “Não se trata de geografia. É uma questão de bom senso. Se a Rússia está atacando ou está prestes a atacar a Ucrânia a partir do seu território, só faz sentido permitir que a Ucrânia contra-ataque.”;
- O critério é se as forças russas estão usando o território russo como “santuário”;
- A Ucrânia também será livre para utilizar sistemas de defesa aérea, incluindo armamento fornecido pelos EUA, para tirar aviões russos do céu, mesmo que esses aviões russos estejam no espaço aéreo russo, “se estiverem prestes a disparar contra o espaço aéreo ucraniano”;
- Jatos F-16 (com capacidade nuclear) serão implantados na Ucrânia, uma vez que a intenção é permitir que Kiev tenha capacidade para atacar a Rússia.

Isto apesar do aviso explícito de Putin sobre a possibilidade de fornecer armas russas a regiões a partir das quais os ataques podem ser lançados, se Bruxelas e Washington não pararem de armar a Ucrânia. O *Izvestia* escreveu que “parece que a Coreia do Norte pode ser um candidato adequado”.

Na verdade, a delegação de Putin incluía o novo ministro da Defesa, Andrei Belousov. O próprio Putin [chamou o Tratado](#) de “*um documento verdadeiramente inovador... um documento fundamental que constituirá a base das nossas relações a longo prazo*”. Mas à parte o alvoroço nos meios de comunicação sobre o conteúdo militar da aliança emergente Rússia-RPDC, o que não deve ser esquecido é que existe um vasto potencial econômico não utilizado na relação Rússia-RPDC.

As estratégias externas de Putin, ao contrário das dos seus antecessores soviéticos, têm invariavelmente um conteúdo econômico bem pensado. Neste caso, Moscou está também construindo laços com parceiros na Ásia como um vetor crucial da priorização de Putin no desenvolvimento do Extremo Oriente russo.

Nesta perspectiva, Putin apelou à revogação das sanções do Conselho de Segurança da ONU contra a RPDC. Do ponto de vista de Pyongyang, isto por si só é uma verdadeira mudança de jogo para sair do seu isolamento internacional.

O comércio bilateral aumentou nove vezes e ultrapassou os 34 bilhões de dólares no ano passado. Há uma grande margem para a Rússia importar mão-de-obra qualificada da RPDC para o extremo oriente, que sofre de escassez crônica de mão-de-obra. Mais uma vez, a visita de Putin reavivou o projeto estrategicamente importante para a restauração e desenvolvimento do porto logístico conjunto de Rajin, um porto adequado a todas as condições meteorológicas na RPDC, que pode garantir um fluxo estável de carga da Rússia para os mercados da Ásia-Pacífico. Os dois países também assinaram um acordo em 19 de junho sobre a construção de uma ponte rodoviária fronteiriça sobre o rio Tumannaya em um desenvolvimento relacionado.

No entanto, no final das contas, como afirmou o assessor presidencial russo, Yury Ushakov, o Tratado é necessário devido às profundas mudanças na situação geopolítica na região e no mundo. Mas sublinhou também que o tratado observará todos os princípios fundamentais do direito internacional, não será de confronto ou dirigido contra qualquer país e terá como objetivo garantir uma maior estabilidade no Nordeste Asiático.

Inevitavelmente, há muita curiosidade sobre como a China se enquadra neste novo paradigma. Por uma curiosa coincidência, mesmo quando Putin desembarcou em Pyongyang, Pequim organizou o seu primeiro diálogo diplomático e de segurança a nível vice-ministerial, ou diálogo 2+2 com a Coreia do Sul.

O lado sul-coreano alegadamente mencionou o tango Rússia-RPDC, mas o lado chinês aparentemente assumiu uma posição “de princípios” e não comprometedora de que a Coreia do Norte e a Rússia, como vizinhos amigáveis e próximos, têm uma necessidade legítima de intercâmbio, cooperação e desenvolvimento de relações.

Por outro lado, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês disse que o diálogo 2-2 em Pequim respondeu à necessidade de aumentar as relações bilaterais entre a China e a Coreia do Sul e não tem nenhuma ligação particular com o envolvimento entre outros países. Curiosamente, o *Global Times* citou a opinião de um proeminente especialista chinês de que o diálogo 2+2 pode servir como “estabilizador e mediador de tensões e conflitos regionais”, pois permite à China e à Coreia do Sul, que têm estreitos laços comerciais e culturais, melhorarem a comunicação e a confiança em questões de diplomacia e segurança.

De acordo com o Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês, ambas as partes reiteraram durante o diálogo 2+2 o seu compromisso com relações amistosas e mutuamente benéficas entre a China e a Coreia do Sul e “em envolver-se ativamente no diálogo e no intercâmbio a todos os níveis e em todos os domínios”.

Concordaram também em reforçar a comunicação através de mecanismos como diálogos estratégicos de alto nível, diálogos de segurança diplomática 2+2 e diálogos de 1,5 vias¹ “para aumentar a confiança política mútua e promover o desenvolvimento saudável e estável da parceria cooperativa estratégica China-Coreia do Sul.”

É evidente que a China e a Coreia do Sul, dois grandes beneficiários da globalização, são partes interessadas na estabilidade da produção global e das cadeias de abastecimento e serão avessas ao tipo de politização e “titularização” em que a Rússia e a RPDC possam estar embarcando.

Assim, [escreveu o *Global Times*](#), o lado chinês “*enfatizou que a manutenção da paz e da estabilidade na península é do interesse comum de todas as partes, incluindo a China e a Coreia do Sul... a tarefa urgente é arrefecer a situação, evitar a escalada do confronto e aderir para a direção global de uma solução política. A China sempre determinou sua posição com base nos méritos da própria questão e continuará a desempenhar um papel construtivo nos assuntos da Península Coreana à sua própria maneira.*”

O resultado final é que a Rússia e a China estão avançando em caminhos independentes no que diz respeito à Coreia do Norte e à dinâmica de poder no Nordeste Asiático. A visita de Estado de Putin a Pyongyang provavelmente trouxe à tona esta linha de ruptura na parceria “sem limites” entre a Rússia e a China, o que dá origem a uma suspeita de que, talvez, não se deva ler demasiado na “aliança” Rússia-RPDC quando a poeira baixar.

Embora os laços fraternos da Rússia com a Coreia do Norte remontem no tempo, ao apoio de Joseph Stalin à independência desta última da ocupação colonial do Japão – diz-se mesmo que Kim Il-sung, o fundador da Coreia do Norte, ocupou uma posição no Exército Vermelho – nas atuais circunstâncias, a Rússia atribui centralidade às suas relações com a China e não precipitará um movimento unilateral no Nordeste Asiático que possa afetar os interesses fundamentais de Pequim.

Em última análise, portanto, o Tratado Rússia-RPDC só pode ser considerado como uma aliança de conveniência para retaliar contra as estratégias regionais dos EUA, respectivamente, na Eurásia e no Nordeste da Ásia, tendo como pano de fundo a guerra na Ucrânia e a acentuada deterioração das relações da Rússia com os EUA, o Japão e a Coreia do Sul, que também são os algozes da RPDC.

Dito isto, não se engane: o líder norte-coreano Kim Jong-un é o verdadeiro vencedor aqui. Mas ele também o conquistou ao cruzar o Rubicão nos campos de

¹ O termo diplomacia da via 1.5 (“1.5 track”) é utilizado para definir uma situação em que intervenientes oficiais e não oficiais cooperam na resolução de questões.

batalha da Ucrânia, demonstrando um nível de solidariedade com a Rússia que é incomparável a qualquer um dos amigos “testados pelo tempo” de Moscou no Sul Global.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
